

MIGRANTES DA CASA DE PASSAGEM DE PRESIDENTE PRUDENTE

*Maria Cristina Rangel**

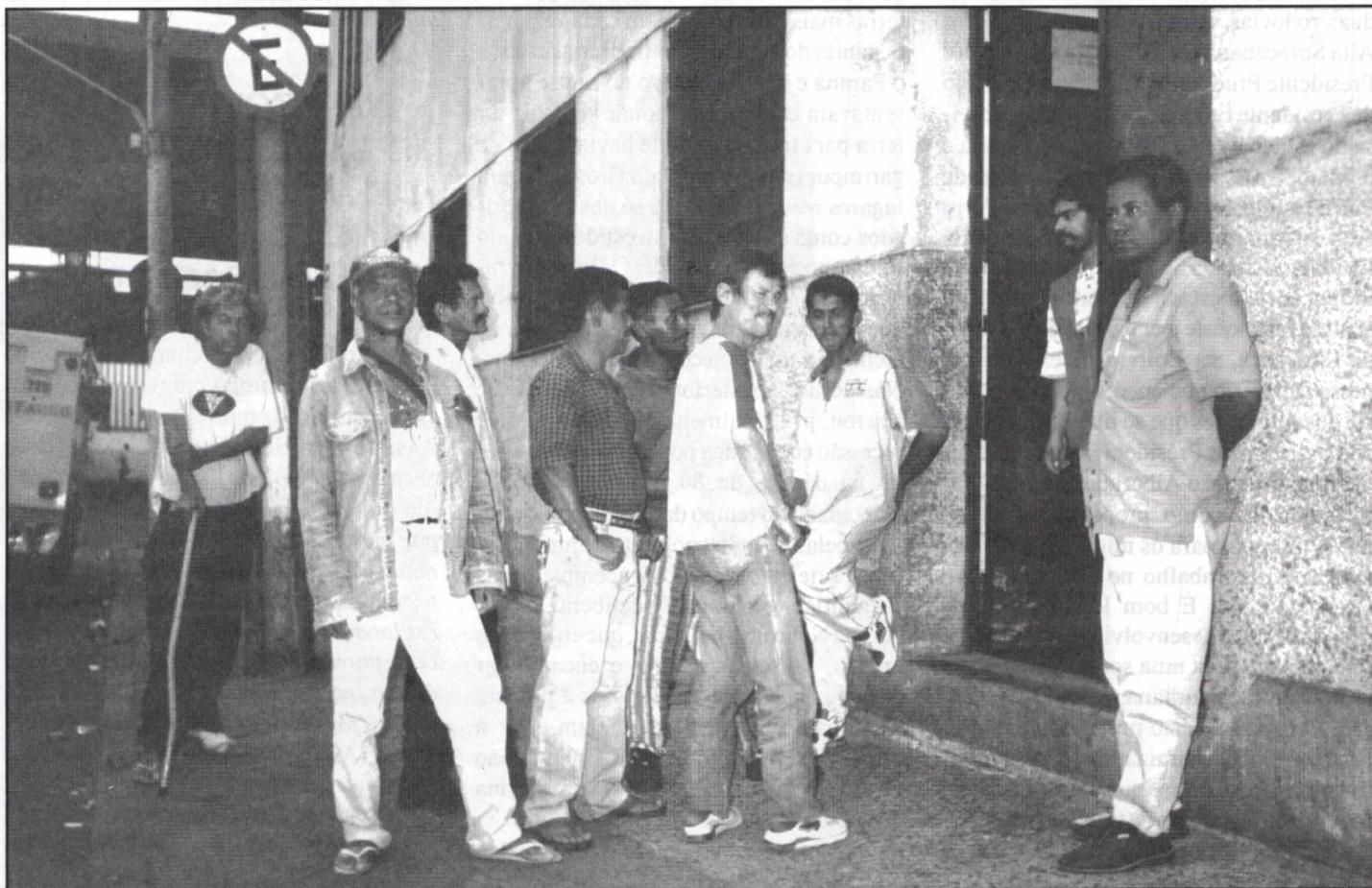
O direito de ir e vir livremente é um privilégio não usufruído por parte dos cidadãos brasileiros, exatamente por não serem tratados como cidadãos, mas como mercadorias que precisam ser realocadas espacialmente. No estado de São Paulo existem albergues, estatais ou particulares, que têm como papel o encaminhamento dos migrantes, através do fornecimento de *tickets* (passagens). São instituições

mantidas por prefeituras municipais ou por particulares que contribuem para manter os migrantes em mobilidade territorial permanente¹.

Esse trabalho de reordenamento dos fluxos migratórios não é uma prática recente na história migratória do estado de São Paulo. Inicialmente feito por companhias particulares e, posteriormente, feito por instituições estatais, tinha como objetivo principal a realocação e encaminha-

mento da força de trabalho para as regiões em desenvolvimento. Um exemplo de instituição voltada para essa finalidade foi a ITM - Inspetoria de Imigração e Colonização, criada em 1939, cuja função era "...trabalhar em locais estratégicos, como terminais ferroviários, onde era feita a seleção dos aptos ao trabalho e encaminhamento até São Paulo, onde eram recebidos na Hospedaria dos Imigrantes e redistribuídos pelo Estado. (...) As hospede-

Foto: Dirceu Cutti



darias se destinavam a selecionar os migrantes considerados aptos para o trabalho, proporcionar um curto descanso e evitar o embarque dos indesejáveis (famílias irregularmente constituídas, doentes, incapazes moral e fisicamente)” (Netto; Bosco, 1967, p. 13).

Como essas, outras instituições foram criadas em locais estratégicos, como nas divisas entre os estados ou locais de passagem para as fronteiras agrícolas ou de desenvolvimento mais acentuado do capitalismo, em diferentes locais e períodos. Esse é o caso do Albergue Noturno Municipal, criado em Presidente Prudente em 1954. Presidente Prudente localiza-se no extremo oeste do estado de São Paulo, próximo às divisas com os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. Esses estados tornaram-se fronteiras de desenvolvimento econômico a partir da década de 40 (Paraná) e 60 (Mato Grosso do Sul). Presidente Prudente, distante 564 quilômetros da Capital do estado, possui acesso principalmente por duas rodovias - a Raposo Tavares (SP - 270) e a Assis Chateaubriand (SP - 425). Além dessas duas rodovias, temos a Estrada de Ferro Alta Sorocabana (FEPASA) que passa por Presidente Prudente e vai até o Município de Presidente Epitácio, localizada na divisa do estado de São Paulo com o Paraná e o Mato Grosso do Sul. Essa estrada de Ferro se interliga com a Estrada de Ferro Alta Araquarense, Estrada de Ferro Alta Paulista e Estrada de Ferro Noroeste. Essa última corta o estado de Mato Grosso em sentido leste-oeste e chega até Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. É exatamente nesse itinerário que encontramos a maioria dos migrantes que se utilizam da Casa de Passagem de Presidente Prudente.

Inicialmente o Albergue Noturno Municipal tinha como propósito servir de ponto de apoio para os migrantes que iam à procura de trabalho no Paraná e Mato Grosso do Sul. É bom lembrar que na década de 50, o desenvolvimento do Brasil se delineava para uma sociedade baseada na concentração urbana, na industrialização. Por sua vez, isto provocava a expropriação e o desenraizamento de muitos trabalhadores rurais, que se punham em movimento à procura de trabalho nas grandes cidades. A política de substituição de

importações se esgotava e dava lugar à política de desenvolvimento do mercado interno, voltado para a indústria. As áreas rurais, próximas aos centros industriais, tiveram seus preços aumentados devido principalmente à demanda, levando áreas até então “abandonadas” a se tornarem atrativas. As fronteiras do Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, começam a ser abertas e Presidente Prudente ficava “no meio do caminho”.

Os migrantes iam e vinham e, não tendo onde pernoitar, dormiam nas praças ou na rodoviária, até poder seguir o seu caminho. O Albergue Noturno nasceu principalmente para dar sustentação à caminhada desses migrantes e um atendimento às pessoas da própria cidade que não tinham abrigo. Mas as políticas nacionais e internacionais foram mudando com o passar do tempo, e o Albergue Noturno, acompanhando essas mudanças, adquiriu outras feições, recebendo novos usuários, qualitativamente diferentes.

As décadas de 60 e 70 foram marcadas pelo acirramento do processo de industrialização e do esvaziamento do campo. As terras mais baratas ficavam cada vez mais distantes dos grandes centros industriais, e o Paraná e o Mato Grosso do Sul se apresentavam como lugares onde se podia ter terra para trabalhar, onde havia lavoura e garimpos (no caso do Mato Grosso). Eram lugares receptáculos não só dos expropriados como também de investidores, tanto do campo como da cidade. O fluxo migratório foi aumentando e somente o Albergue Noturno Municipal não foi capaz de atender a tantos necessitados de um teto. Nas décadas posteriores este processo se acirrou, principalmente devido à grande recessão econômica por que passou o Brasil na década de 80 e ao aumento da velocidade no tempo das ações proporcionado pelas novas tecnologias de produção, transporte e comunicação, acompanhadas da política econômica neoliberal. O Albergue Noturno Municipal, que era apenas âncora, passou a receber e encaminhar cada vez mais pessoas. Pessoas à procura de trabalho, pessoas que diziam estar à procura de trabalho e pessoas que já não encontravam mais no trabalho uma forma de sobrevivência.

A mudança qualitativa e quantitativa

na procura por um lugar, fez com que houvesse a troca do nome de Albergue Noturno para Casa de Passagem. Essa transformação deu-se em 1992, pois, de acordo com uma antiga funcionária da Casa, os migrantes achavam que albergue era um lugar onde eles poderiam permanecer mais tempo, e o nome Casa de Passagem dava a dimensão do seu real propósito - o encaminhamento. Era preciso dar uma dinâmica maior ao atendimento, dispensá-los mais rápido, porque outros precisavam ser atendidos e dispensados. Lembrando Santos, “...neste tempo em que a sucessão dos novos inventos acelera o ritmo das ações em todos os lugares..” (Santos, 1994, p.30), a Casa de Passagem não comporta tantas pessoas sem trabalho, que não têm onde morar e viver e transforma-se em **Casa de Dar Passagem**. De acordo com uma antiga Assistente Social da Casa, “*A Casa de Passagem funciona pra atender o pessoal que vem de fora. Aqui eles recebem banho, comida e pouso. Se estiverem doentes, passam por um médico. Recebem passagem de trem ou tentamos conseguir uma forma de fazê-los chegar ao destino que querem.*”

NA RECEPÇÃO DO MIGRANTE UM ACENO DE ADEUS, OU COMO FUNCIONA A CASA DE PASSAGEM

A Prefeitura Municipal de Presidente Prudente destina uma verba específica para essa instituição, que é gerenciada pelas Assistentes Sociais. “*A Delegacia Seccional de Polícia fornece as passagens (de trem). Eu recebo dez requerimentos por mês. Uso quatro por semana. Toda quarta-feira. Os outros seis requerimentos que sobram são usados para moradores locais... Recebemos verbas da Prefeitura para a compra de passagens de ônibus, mas para essa (passagem de ônibus) só forneço obedecendo alguns critérios.*” (Antiga Assistente Social da Casa)

Forma de Atendimento

Na Casa, separados do atendente so-

mente por uma escrivaniinha, o usuário responde a uma série de questões contidas na Ficha de Caracterização do Migrante/Itinerante, preenchida pelo atendente, sentado à sua frente. Qual é o seu nome? Tem documentação? Mostre. O que o Sr. faz? Quanto recebe por mês? Quer ir pra onde? Está sozinho ou acompanhado? Por quem? Veio de onde? Por quê?

Isso é feito de maneira bastante rápida, porque são muitos a serem atendidos por dia e precisam tomar banho, comer e serem enviados até às 17h:00 para a Estação Ferroviária (isso às quartas-feiras, dia do "trem dos mendigos"). Para permanecer na Casa de Passagem o migrante precisa obedecer a algumas normas, que são:

1- Não estar alcoolizado (se estiverem alcoolizados não preenchem nem mesmo a ficha, e não é permitida a sua permanência na Casa de Passagem (CP)). Se o usuário sair e beber não será aceito na CP pois, de acordo com a Assistente Social, a bebida alcoólica é responsável pela maioria das brigas.

2- Às 8h:15 há uma conversa com a Assistente Social. "Eles são acordados às 6h:00 horas da manhã, às 7h:00 horas é servido o café da manhã. Nesse intervalo eles limpam o pátio. Tem uma turma que limpa o pátio, outra que lava os banheiros, e varrem os quartos. Só limpam o que usam. A parte interna eles não limpam. Depois é que ouvem a assistente social no refeitório." (Funcionária da Casa)

3- O almoço é servido a partir das 11h:30 da manhã e termina quando todos terminam de comer.

4- Às 15h:00 é servido o café da tarde. É servido pão, bolo, café. Tudo feito pelas cozinheiras da Casa.

5- Na quarta-feira o jantar é servido mais cedo para que eles possam ir para a Estação Ferroviária. O trem sai às 19h:30, mas eles saem por volta das 17h:00; porque vão a pé até a Estação. "Vão com sacos (nas costas), sujos, roupa rasgada, alcoolizados. Eles saem daqui para ir embora e passam no primeiro bar. Eu aviso para não beberem, para irem direto para a Estação. Mas quando eles chegam lá, já estão bêbados. São dois ou três vagões de segunda classe para esse pessoal." (Antiga Assistente Social da Casa) Às quartas-feiras, o jantar é servido a partir

das 18h:00.

6- O horário de dormir é às 20h:00. "Às vezes, quando está muito calor, eles ficam até umas 20h:30, 21h:00. No frio eles querem dormir até antes. (...) Albergues não deixam casais dormirem juntos. Eles não têm privacidade nenhuma. São mais ou menos 40 leitos - vinte masculinos e vinte femininos. Quando enche, tem colchões que colocamos no salão. Os meninos ficam com o pai e as meninas ficam com a mãe." (Antiga Assistente Social da Casa)

7- O usuário só poderá ser recebido novamente na CP depois de dois meses. Quando retornam antes de completar os dois meses, as Assistentes Sociais fazem uma avaliação, que decidirá sobre o atendimento ou não a esse migrante.

8- Depois das 20h:00 não podem sair da CP a não ser com o consentimento da Assistente. Se saírem, só poderão retornar no outro dia às 6h:00 da manhã e terão que explicar o motivo da ausência para a Assistente Social. De manhã, só podem sair depois de ouvir a Assistente Social.

9- Podem ficar na Casa três dias ou o tempo que a Assistente Social achar necessário. Não podem ser atendidos novamente em menos de dois meses.

Explicadas as normas da Casa, na conversa individual, a Assistente Social verifica qual é a necessidade do usuário e quais as possibilidades de atendê-lo. Pergunta para onde pretende ir, o que vai fazer lá, se tem parente nesse local e, dependendo de para onde o usuário diz querer ir, é explicado que os passes só servem para as cidades abrangidas pelo itinerário do trem. Passados os três dias, é hora de dizer adeus e seguir a caminhada.

PRÁTICA INSTITUCIONALIZADA DE ENCAMINHAMENTO DE MIGRANTES

A prática institucionalizada de dispensa de migrantes para outras localidades está relacionada com a crise econômica, com o grande contingente de pessoas sem trabalho e com a o imaginário da população, que vê no migrante a negação daquilo que ela quer ser. Por isso a repulsão, o

silêncio, a convivência com as políticas de eterno encaminhamento. Tendo-os como vagabundos e perigosos justifica-se a rejeição.

De acordo com o depoimento de diversos profissionais envolvidos com o atendimento, é menos oneroso criar mecanismos de dispensa de migrantes do que tentar fazer projetos de fixação desses migrantes.

"Em vez de você parar essa pessoa e resolver o problema dela aqui, você manda embora porque é muito mais barato para o próprio Município. Para você deixá-lo aqui, você tem que ter estadia, você corre risco dele sair, beber, fazer várias coisas. E você tem que encaminhar para o Posto de Saúde. Não tem vaga, tem que esperar. Você tem que articular outras políticas, outros setores para atender aquela pessoa. Então eu acho que a maioria da Casa de Passagem prefere mandar de vinte, trinta embora." (Antiga Assistente Social da Casa)

"Você vê, a pessoa às vezes vem para fixar residência, mas aqui não tem jeito, só pode ficar três dias e, conforme a situação, fica dez, quinze dias e daqui a pessoa acaba se desligando. 'Ah! Então eu vou para tal lugar.' Então vai tipo ping-pong. Vai empurrando. Vai pulando de cidade em cidade, andando. (Policial Militar que trabalha na Casa)

"Porque quando a gente tenta fazer alguma coisa, a própria população fala: 'Você está gastando com isto? Poderia fazer uma praça, atender crianças, poderia atender deficientes, idosos. Agora esse pessoal, esse pessoal não tem jeito.' Eu acho que por isto que não se mobiliza uma política, porque quando você vê uma criança na rua você fala: 'Puxa vida, o prefeito poderia fazer alguma coisa por estas crianças, é o futuro do Brasil...' Então você mobiliza o poder público. Agora o migrante, se ele é vadio, vagabundo, o que for feito está bom. Se der um prato de comida já está fazendo muito. 'O que mais ele quer? O prefeito já dá o albergue, já dá mantimentos, já dá passagem. O que mais?' Então o prefeito não tem, o poder público, o prefeito, o governador, sei lá, não tem necessidade de se mobilizar." (Antiga Assistente Social da Casa)

Aqui temos duas problemáticas que envolvem essa questão. A primeira diz

respeito aos valores da sociedade, que encontra na figura do migrante condição que despreza e da qual tem medo - a pobreza - e isto ela não quer ver. "A pobreza qualifica-se como uma experiência (real ou virtual) dos limites ou mesmo da ruptura com os parâmetros que constroem a noção de uma ordem legítima de vida. E nesse caso, a condição de pobreza é sempre possível de se transfigurar em marginalização no interior de um imaginário social que constrói figuras da pobreza extrema como solo da desagregação moral, da desordem e da desrazão." (Vieira, 1992, p.19)

E se a sociedade não quer nem vê-lo, não há porque ter uma política de assistência para mantê-lo no lugar. Fazer um trabalho de promoção social é considerado um desperdício de dinheiro público que poderia ser investido em setores mais lucrativos. Isso se reverteria em queda de popularidade política dos prefeitos, não haveria respaldo da população local.

"Tem muito a questão da igreja envolvida. Não, Eliane, você é muito boazinha, ele são malandros, são vagabundos. Você fica acoitando vagabundo..." Sabe, aquela visão? Ou então paternalista... "... tem que dar cesta básica trinta anos, tem que ajudar, não tem jeito, eles realmente não têm capacidade pra melhorar..." (...) A imagem do migrante/itinerante é esta, é de vadio." (Antiga Assistente Social da Casa)

Isso é reforçado na medida que é no "... imaginário que se inscreve também as formas como as classes trabalhadoras interpretam e pensam a própria condição em que vivem, assumindo, à sua maneira, a associação entre crime, pobreza e desordem moral." (Vieira, 1992, p.19). Considerando-se assim, os migrantes se acham sem direito à cidadania, e o poder municipal pode adotar, sem temeridade, a política de "encaminhamento".

A subversão de um discurso

Como as verbas e as passagens destinadas a Casa não são suficientes para atender à demanda, é feita uma seleção pela Assistente Social, que geralmente utiliza os seguintes critérios para liberar a passagem: estar à procura de trabalho, estar acompanhado pela família, ir tirar docu-

mentação, retornar para a família, precisar de tratamento de saúde. Sabendo disso, os migrantes acostumados a usar os albergues dão as respostas que as assistentes querem ouvir. Quando sonégam os verdadeiros motivos - se é que sabem quais são - que os levam à mobilidade é porque esses motivos não se encaixam nos motivos valorizados pelas Assistentes. Não são, portanto, seus valores.

"A resposta certa, no momento certo e para a assistente social certa para ele conseguir o recurso que quer. Então ele manipula o profissional. Quando você passa daquilo que ele está acostumado, ele se perde. Se você pergunta: 'De onde você veio? Para onde você vai? O que aconteceu?' 'Perdi meus documentos.' É ótima a conversa. Agora, quando você começa a falar: 'Mas o que o Sr. sentiu? Como foi o roubo? Como aconteceu que o Sr. perdeu os documentos?' 'Ai ele se embanana (atrapalha) todo. Sai daquele esquema que ele estava vindo de vários setores, pedindo passagem, uma conversa tão simples, tão rápida. Agora, quando você parte para a análise da vida dele, você questiona o que está acontecendo, se resolve a passagem mesmo..., se preocupa com ele como pessoa... 'Se você chegar lá, o que vai acontecer? Para onde o Sr. vai, o que o Sr. vai fazer? Será que é a solução?' Quando você joga estas coisas embanana, embanana completamente.'" (Antiga Assistente Social)

"Só que eles sempre falam assim: 'eu quero ir para tal cidade porque vou providenciar os meus documentos' Às vezes eu acho que isto pode ser uma estratégia para conseguir passagem. Não estou pré-julgando, mas como é uma coisa muito comum eu acho que eles já conhecem o sistema, já sabem as normas dos albergues. Então, quando eles vêm, já são experientes no assunto, já sabem o que eles têm que falar pra mim.'" (Atual Assistente Social da Casa)

Ter sido assaltado, justifica a sua presença na Casa. O que importa não é o que ele é: um migrante, mas aquilo no que ele quer acreditar: uma pessoa que só está ali solicitando uma passagem porque foi roubado. Por um acidente. Esta é a justificativa que ele dá para si e para a Assistente que o atende. A sua condição de migrante

é tão humilhante que ele se vê obrigado a negá-la como forma de seguir em frente.

"Quando que você percebe que é uma pessoa experiente, as desculpas são sempre as mesmas. 'Eu fui assaltado.' Mas tem uma diferença entre a pessoa que realmente foi assaltada da que não foi. A que é assaltada, quando chega, já tira o Boletim de Ocorrência: 'Olha, tá aqui o Boletim de Ocorrência. Fui assaltado em tal lugar, levaram minhas roupas, meus documentos, meu dinheiro.'" O que só usa isso, nunca tem. Ele não faz ocorrência. É difícil acreditar que ele realmente tenha sido assaltado. (...) Às vezes as pessoas que tem cinco, seis retornos, a desculpa é sempre a mesma. Outros, mais raro, é tratamento de saúde. Quando realmente a pessoa tem problema de saúde, você às vezes consegue perceber." (Atual Assistente Social)

Estar acompanhado da família. Este critério mostra o quanto a família, na visão das Assistentes, deve ser privilegiada, protegida. É por isto que eles combinam entre si e se apresentam como sendo da mesma família, quando na verdade não são.

"Existem casais que não são casais, que eu descobri, por exemplo, que na rua se encontram e formam um casal para chegar num ponto. Ou irmãos que não são irmãos, quatro homens, que não são irmãos, que perderam os documentos. Então eles lidam muito com o que eles sabem que são critérios da Assistente Social. Se não tivesse isso, você chegaria mais à verdade e você não chega porque ele sabe o que você vai perguntar, ele sabe que você vai falar que não tem recurso." (Antiga Assistente Social da Casa)

E as assistentes sociais, por mais que queiram desenvolver um trabalho diferente, esbarram na falta de verbas e nos objetivos da Casa de Passagem, que é livrar-se dos migrantes o mais rápido possível. Acabam por serem instrumentos que viabilizam a política municipal de dispensa de migrantes. Para o profissional de serviço social, lutar contra esta forma de política é encontrar muitas dificuldades e trabalho pela frente.

"Ah! Nossa! Tive brigas homéricas por causa disso. Para aumentar o recurso, para conseguir mais passagem, para conseguir estrutura no albergue para o trata-

mento de saúde, porque, por exemplo, tinha pessoas com câncer, pessoas com tuberculose, que precisavam de um atendimento ambulatorial que a Santa Casa não oferece. O albergue era a acolhida e não tinha estrutura para isso. Nossa! Eu briguei demais. Briguei com a rede de combate ao câncer... foi daí que surgiu uma questão da casa de pessoas de câncer. A rede tem que imobilizar um espaço, um ambulatório, um lugar onde estas pessoas fiquem.” (Antiga Assistente Social da Casa)

Enquanto isso a discussão da problemática que envolve a migração é um jogo de empurra-empurra. “... Acontece assim: eu empurro o problema para você, você empurra para mim. Eu te dou dois, você me devolve quatro. Sabe? E não existe a gente sentar e conversar. Você lá no Paraná, eu aqui em Presidente Prudente. Olha, não adianta você me mandar dez daí para tal lugar que não vai resolver. Vamos tentar fazer uma política de atendimento ao migrante aí, ou aqui. É uma situação mesmo de limpar a cidade. A gente vê que parte da política de atendimento... eu me livro do problema. Porque aqui ele rouba, aqui ele... Tem a questão da carência dele. Provoca as pessoas, incomoda. Então é limpar a cidade.” (Antiga Assistente Social da Casa)

O que encontramos é um movimento de ir e vir constante, uma migração permanente de pessoas livres, sem “estação final”. Na procura de um chão para se fincar, essa mobilidade acontece, atendendo a uma organização espacial das atividades produtivas, que por sua vez deriva da apropriação e produção do espaço pelo capital, que se intensifica, concentra-se e expande-se horizontalmente. Assim, os corpos se colocam em mobilidade como que atendendo a uma distribuição otimizada pela necessidade de reprodução do capital.

Novas formas de produzir, novas concepções de tempo, nova linguagem se colocam em movimento. E no passo do capital caminha o trabalho, mesmo que em passos distintos. São fluxos migratórios que se delineiam, migrantes que põem o pé na estrada à procura de outro lugar onde possam sobreviver, trabalhar. Trabalho esquecido e desvalorizado, terra apropriada

da pelos latifundiários, que a utilizam com propósitos distintos daqueles do homem que nela vive e produz. Terra para lucrar, especular.

O que encontramos hoje é a migração de homens sem destino, descrentes da possibilidade de vir a ter trabalho, que encontram na migração uma estratégia de sobrevivência, mesmo que não através do trabalho, mas do uso das instituições criadas para dispensá-los.

DA SEGURANÇA DO COTIDIANO AO COTIDIANO DA INSEGURANÇA

A migração sistemática, ao mesmo tempo que é um recurso utilizado pelos migrantes para manterem seus corpos vivos é também uma forma de os afastar do cotidiano de ter onde dormir todos os dias, do trabalho, da escola, do enraizamento em algum lugar, porque na migração sucessiva - migração sistemática, sem ter para onde ir - cria-se outro cotidiano que é a negação desse. Partir não é somente um ato de arrumar a mala, a mochila, o saco, os “cacarecos” e sair mundo a fora. Migrar não é a primeira solução encontrada diante da expropriação, da angústia de não ter como sobreviver naquele lugar. É, pelo contrário, a atitude mais radical. É a hora do rompimento com o espaço cotidiano², com trabalho, com amigos, com família. É hora de sair da segurança da repetição, de todos os dias fazer os mesmos percursos, encontrar pessoas conhecidas para entrar em uma rotina de não saber para onde ir, de ter a possibilidade de ir para muitos lugares e ao mesmo tempo ir a lugar nenhum.

Na migração repetida - “mudanças residenciais sucessivas realizadas pela mesma pessoa, independente da direção desses movimentos” (Martine, 1980, p. 1) - ou na migração sucessiva temos o cotidiano marcado pela instabilidade. A ordem imposta é a mobilidade permanente. O banal do dia-a-dia é conhecer novas paisagens, pessoas diferentes, não saber se vai conseguir alimentar-se, não saber onde vai dormir, se vai poder trocar a roupa.

MIGRAÇÃO SUCESSIVA E OS NOVOS REFERENCIAIS

**“Não há vagas.
Por favor, não insista!”**

“O desemprego e a subutilização da força de trabalho constituem um duplo sinal de perda do potencial de produção e de sofrimento humano. Em uma sociedade que se caracteriza pela predominância do trabalho assalariado como critério de confirmação do status e da utilidade social dos indivíduos, o desemprego aponta para um processo de exclusão involuntária da atividade produtiva e das regras básicas de sociabilidade.”³

O rompimento com o trabalho e o desemprego, no campo ou na cidade, retiram do trabalhador a segurança e a dignidade. Nesta sociedade, estar desempregado é sinônimo de anulação social, de não ser mais aceito. Se a base das relações sociais na sociedade capitalista é a troca, não tendo onde usar o seu trabalho, o desempregado perde o poder da barganha; é-lhe negado o direito de comprar os bens necessários à sua sobrevivência, de consumir. Cabisbaixo, sente-se fracassado diante do outro por não poder produzir e poder comprar. Ninguém está interessado em comprar a sua força de trabalho, em lhe pagar um salário. Nesse processo, “A degradação do trabalho surge como consequência irreversível, pois o livre funcionamento do sistema econômico não se dispõe a assegurar emprego para todos. Por mais que o trabalhador esteja disposto a vender a sua força de trabalho no mercado, ele não descobre comprador.”⁴

A angústia e o sentimento de fracasso vão crescendo, empurrando-o para longe, seja na busca de emprego, seja para sair da presença de olhares, agora de piedade ou acusadores. Oferece-se aqui, ali e nada. Desterritorializado, mobilizado, ele tenta encontrar trabalho. O caminho vai se tornando cada vez mais longo.

Ora estão desempregados, ora não. Não são completamente assimilados no processo de produção e estão dispostos a qualquer tipo de trabalho. Como eles dizem “são pau para toda obra”. Sujeitam-se a rela-

ções de trabalho não legítimas, são superexplorados. Martins, referindo-se ao processo de subalternização, de que estes migrantes fazem parte, diz que há "Uma ampla clandestinização do trabalho ou, quando muito, uma semilegalização, associadas ao capitalismo da robotização e da era nuclear, em que o traficante de mão-de-obra e o cientista estão perfeitamente integrados no mesmo universo da produção da riqueza e no mesmo tipo de dominação. Para não falar dos casos mais dramáticos, como o da peonagem, a escravidão por débito no Brasil, a que estão submetidos milhares de trabalhadores em diferentes regiões do país. Uma recriação contínua de relações sociais arcaicas juntamente com a progressiva criação de relações sociais cada vez mais modernas." (Martins, 1989, p. 100)

Esses migrantes fazem parte do mercado de mão-de-obra livre, disponível, que se encaminham para onde se ouvir que há trabalho - hidrelétricas, garimpos, construção de estradas, colheitas - para os grandes centros. São mobilizados, recrutados e dispensados.

Neste movimento territorial constante, o migrante vai se marginalizando socialmente. Vai perdendo os valores dessa sociedade que lhe nega a oportunidade de descortiná-la, de revelar a sua verdadeira face, e lhe incute culpa por um fracasso que não é seu. Temos aos poucos a anulação da dignidade e a desvinculação de tudo o que necessita ser comprado, pago com dinheiro. Ter uma casa, tomar banho, escovar os dentes, pentear os cabelos, trocar de roupas todos os dias, dormir em uma cama... Tudo isto vai ficando em um passado longínquo, às vezes até em gerações passadas. E viver nessa sociedade em contradição com seus valores civilizatórios secularmente construídos é mutilar-se, ter que se negar enquanto sujeito dessa sociedade para dar sentido a outra forma de vida. Esse sujeito vagueia entre o viver sob determinadas normas e desprender-se completamente delas.

"Tem pessoas que não tomam banho há um ano. Tem muitos, muitos. Porque não faz parte da rotina diária dele. Não tem porquê mais. Porque não faz parte da rotina diária dele. Aquele lugar, com aquele espaço, com aquele chuveiro é muito esporádico para ela. Ela mora na rua,

dorme em qualquer canto, isto não faz falta. Eu acho que psicologicamente deve ter alguma razão. Falta de auto-estima. Eles não querem se tratar. Eles não têm significado. Eles não produzem." (Antiga Assistente Social da Casa)

"Então eu deixei ele lá, deitadinho. Quando eu consegui mais ou menos falar com ele, consegui levar ele para um banho, porque ele estava supersujo. Falou que estava de mal com o mundo. Se ele estava de mal com o mundo, pra que ele ia tomar banho, se ele estava jogado no mundo, pra que que ele ia tomar banho!?" (Funcionária da Casa)

Não tomar banho pode ser uma forma de defesa corporal, já que evita a aproximação de pessoas indesejáveis.

"Às vezes eles não tomam banho para não serem violentados, estuprados. É uma defesa." (Funcionário da Casa de Inverno

de Santos - SP)

Reconhecer-se como migrante e participante dessa sociedade vai se tornando cada dia mais difícil.

"Ele não tem parada. Mesmo quando a gente conseguia um emprego temporário para ele, ele não consegue se adaptar às normas do emprego, às condições de vida, aos horários, tem problemas com o alcoolismo, problemas com autoridades. Muitos brigavam. Não aceitavam ser mandados." (Antiga Assistente Social da Casa)

"Qual a sua filiação, qual o seu endereço?"

Nessa busca incessante por trabalho e por uma vida digna, aos poucos vai-se desestruturando a família no seu sentido tradicional, ou seja, da família nuclear constituída por pais e filhos e com direitos consanguíneos à herança. Até porque, não

Foto: Sidney Silva



há herança a ser deixada. A família se esfacela, se separa espacialmente e só permanece sentimentalmente.

“Eles acabam perdendo o vínculo familiar porque às vezes a mãe morreu, o pai casou com outra mulher, não combinam, a outra mulher às vezes começa a exigir. Então eles se afastam da família, não querem mais voltar para casa.” (Funcionária da Casa)

“Eu tive a minha mãe, mas eu não fico com ela, porque meu pai bebe, judia de mim, bate em mim. Principalmente quando ele bebe. A moradia nossa é em Pradinho, perto de Reginópolis. Minha mãe é que sustenta ele. Meu pai verdadeiro morreu de acidente de carro. O caminhão bateu e ele engoliu a dentadura e morreu. O nome dele é Noel do Nascimento de Souza. Daqui eu vou para Campinas. Acho que ele está no Mato Grosso. Em Bauru ele não está. Eu fico mais em Bauru, no albergue, na rodoviária. Lá todo mundo gosta de mim. Eu sei que lá todo mundo está falando de mim. Meu pai queria que eu fosse mulher dele. O primeiro filho eu tive do meu marido e o outro eu tive do meu padrasto. Meus filhos ficaram com o juiz de São José do Rio Preto. Meu pai verdadeiro se chamava Belarmino da Silva. Minha mãe largou uma vez do meu padrasto, mas ele volta. Ele faz bagunça comigo (mantém relações sexuais). É mais comigo do que com minha mãe. Durante a semana é bom, mas no fim de semana é uma bagunça. Meu padrasto é negro, mas meu pai é assim da cor da senhora. Meu pai não bebia. Só fumava assim... Um café, igual à minha mãe. Não fazia bagunça comigo, nada. Numa hora dessas ele estava no sol, trabalhando.” (Maria de Lourdes)

“Meu pai bebia muito, aí ela separou dele e o juiz arrumou este lugar para nós ficar. Minha mãe tinha quatro filhos, dois ficô no Lar Amália e os outros dois foram para outro orfanato.” (Márcia)

“Eles morreram (pais) está com mais de dez anos. Eles me formaram. Os pais legítimos não cheguei a conhecer. Eu conheci minha mãe com sete anos. Foi um baque. Ver uma pessoa que não conhece é um susto tremendo. Foi uma semana tentando conversar comigo. Eu já entendia um pouco, era bem desenvolvido. Tinha

uns sete, oito anos. (...) Quando meu pai me batia eu ficava pensando se ele estava fazendo aquilo porque eu não era filho dele. Ele era um homem bom, mas era um homem violento. Todavez que ele me batia eu caia fora (ia para São Paulo, para a casa das irmãs) e quem sofria era a minha mãe. E não era surrinha não.” (Paulo Roberto)

“O que aconteceu com a família? A família tinha uma fazenda lá. Eles têm a fazenda até hoje. Mas não é mais café. Só plantam limão e laranja. Tem até hoje a fazenda lá. Mas aconteceu que não deu certo e sai pelo mundo. O motivo era ignorância da família. Eles implicavam. Quando eu chegava tarde para dormir era palavrão. Eu ia na discoteque e voltava três horas da manhã, cinco, seis horas. Então como eles são lavradores, eles costumam naquele regime (de dormir cedo e acordar cedo).” (Alemão)

“Amigada. Há treze anos. Desquitada com meu pai e amigada com outro. Ele já tentou matar minha mãe várias vezes. Minha mãe virou crente e modificou um pouco a vida.” (Sérgio)

“Eu morava com meus pais adotivos. Quando minha mãe estava para dar à luz, levou uma surra do velho e ficou fora de si. Quando eu nasci, com nove meses a outra família me adotou. Logo que eu nasci ela morreu. Em Curitiba eu soube que ela era minha mãe, por boca dos familiares.” (Luís)

“E nesta época meu pai separou da minha mãe. Meu pai começou a carregar, vender carne seca, era entregador. Passando por Espinosa - MG, ele conheceu uma menina de quinze anos chamada Ivonilda. Aí ele disse que era viúvo e o irmão dela obrigou eles a se casarem. Eu estudei até a sexta série. Quando a minha mãe morreu (1975) eu sai da escola.” (José)

“Eu estava na Bolívia. Quando eu cheguei foi que eu fiquei sabendo, após seis meses, que meu pai e minha mãe estava enterrado, que eu fiquei sabendo que meu pai tinha matado minha mãe e tinha se matado também.” (Neil)

Os sentimentos que permanecem são confusos: saudades, dor, solidão, vazio, revolta. Depende da situação de quem vai, quem fica, quem morre. A ausência dos

pais é preenchida pelo sentimento de impotência, de descrença. Isso quando a separação, a migração, não for provocada pelo desejo de livrar-se da autoridade, do domínio dos pais. Vamos encontrando pais sem filhos, filhos sem pais, filhos sozinhos, pais abandonados. Pais e filhos que nunca se encontram. Os referenciais familiares vão se tornando tênues, quase imperceptíveis. Já não se tem o endereço de moradia dos pais ou dos filhos.

Diante da insegurança do mundo é preciso ter a quem recorrer. Na falta de relações familiares por consangüinidade, outras relações vão surgindo. Temos as subfamílias, ou seja, a agregação por afinidade. São os amigos do trecho.

Além disso, os casamentos feitos nestes percursos são realizados basicamente por dois motivos: o primeiro diz respeito à necessidade de amor, da troca de afeto, de carícias; o segundo, que complementa o primeiro, se relaciona à necessidade de proteção e companheirismo. É para tornar a viagem menos árdua.

Percebe-se que nessa forma de união não está presente a preocupação de ter para quem deixar alguma coisa, pois não há nada para ser deixado. Aqui, até porque não há outra opção, a união, o casamento, está mais ligada ao desejo sexual e ao companheirismo. Quando se tem o companheirismo, o migrante não se sente tão só e evita o próprio esfacelamento frente a desintegração da família, que não é mais sinônimo de segurança.

O Alcoolismo

Sem família, em um mundo onde poucos gostariam de saber da sua existência, onde muitos não gostariam de vê-los, de sentir o odor fétido do seu corpo, buscam na bebida alcoólica um subterfúgio para continuar vivendo. O recurso da bebida alcoólica é também a admissão do fracasso; autopunição por não ter conseguido atender as expectativas da sociedade. É a culpa coletiva destruindo o indivíduo.

“Eu acho que eles começam a beber pela situação. Alguns falam: ‘pelo menos é para eu esquecer algumas horas do problema, da situação que eu estou vivendo.’ Então a maioria é para esquecer problemas. Muitos são viciados na bebida. A maioria dos homens, digamos 80%

são pessoas que usam bebida alcoólica. Muitos deles chegam aqui bem alcoolizados mesmo. (...) Trabalham um dia, aí chegam bêbados. O dinheiro que eles ganham gastam tudo na bebida. Muitos deles têm problemas de alcoolismo. (Funcionária da Casa)

“Estas pessoas, são pessoas que passam fome, sede, não têm onde morar, onde ficar. Se você, porque o cara bebeu, usa de violência, não leva a nada. E aqui 99% usa bebida alcoólica. Então você avisa que não pode, para manear, mas não que você proíbe por completo. Não consegue proibir. Às vezes você pega a garrafinha dele, guarda aí, deixa aí, conversa com ele, depois que a assistente social conversou. Agora com o pessoal que se exalta, quer mandar, aí é diferente. Aí a gente toma providência. A assistente social vai, dá a passagem e ele segue o destino dele.” (Policial Militar da Casa)

“Não tem roupas. A bagagem deles... Tem poucos que carregam bagagem. Tem alguns deles que chegam aqui com a roupa do corpo, ou às vezes uma troca só. Tem muitos que acham que a bagagem atrapalha eles a andar. Tem alguns que vêm até com muita bagagem. Mas dificilmente são coisas que dão para muito tempo de uso.” (Funcionária da Casa)

Para que bagagem? Carregar o quê? Por quê? Aos poucos o migrante vai deixando de saber quem é ele, com os referenciais dessa sociedade. Família? Endereço? Trabalho? Bens? São coisas que foi perdendo pelos caminhos por onde passou, isso quando as teve um dia. Encontra-se totalmente expropriado, tendo como referência só a ausência, a carência de algo: alimentos, moradia, trabalho.

Quando nos dirigimos a ele, nos tenta mostrar que “um dia foi gente.” Nos mostra os documentos.

Os Documentos

A identidade pessoal é resgatada pelos documentos, pela carteira de trabalho ou registro geral (identidade). É a tentativa de resgatar a dignidade, que antes o trabalho lhe garantia. Mostrar os documentos é uma forma de dizer que ele é gente, que merece respeito. Procuram resgatar valores que não denotem rejeição. Eles precisam ser aceitos. É uma forma de luta.

“‘Eu sou um trabalhador. Olha a minha carteira aqui.’ Você olha a carteira de trabalho do cara. O cara é tratorista, é operador de máquina, mexe com construção civil. (...) Você vê hoje o desemprego. A Camargo Corrêa, CESP, Mendes Júnior... Essas várias empreiteiras que estão paradas porque o governo não paga.” (Funcionária da Casa)

“... o documento é a prova de que ele é uma pessoa honesta, que ele é cidadão. Só que ele não tem claro isso. Mas ele sabe que o documento é algo que mostra que ele é uma pessoa, que ele não é um indigente. Ele não gosta de ser tratado assim. A carteira profissional quando eles têm, eles adoram mostrar. Mesmo que seja uma carteira que faz dez anos que não tem registro algum. Mas ele tem uma carteira, ele foi registrado, ele trabalhou.” (Antiga Assistente Social da Casa)

Essa luta entre ser socialmente aceito e viver fora, excluído da sociedade de consumo apresenta-se na constante perda da documentação. Os migrantes usam o valor que damos aos documentos para conseguirem passagem.

Em resumo, a repetição constante da migração aos poucos vai criando outras relações sociais, um mundo paralelo, mas não excluído, que se distancia das normas de comportamento da sociedade.

O migrante, no percurso vai se perdendo e se achando, vai deixando para trás os objetos que o prendiam ao lugar. Tudo vai ficando física e simbolicamente muito pesado.

Passa a viver em trens, albergues, viadutos, ruas, praças públicas. Vai perdendo o lugar onde tomar banho, trocar de roupa, colocar seus objetos pessoais. Se distancia dos compromissos com hora marcada. Não tem endereço; a família se faz e se perde nas caminhadas, os amigos são os amigos do trecho, não existe o almoço, jantar, café da manhã. Existe o comer quando é possível, o que for possível; dormir onde “bater o sono”, acordar com os raios do sol, com o pontapé de algum policial, com a água gelada jogada pelos “donos do pedaço”, com a chamada do funcionário do albergue. Tomar banho só nos postos de gasolina (quando tem dinheiro) ou nos albergues; usar escova e pasta de dente, sabonete, *shampoo*, pentear os cabelos... Isso vai

deixando de ser necessário.

* Maria Cristina Rangel é Mestre em Geografia Humana pela USP e Professora da Faculdade de Comunicação Social “Cásper Líbero” e UNIBAN.

NOTAS

- 1- Este artigo tem como base a dissertação de mestrado “Restos Humanos em Mobilidade - Casa de Passagem de Presidente Prudente e a Mobilidade do (não) Trabalho - 1988-1996” defendida pela autora na FFLCH/Dpto. de Geografia/USP.
- 2- “O cotidiano não é somente ordem imposta, ele é, no plano subjetivo, uma organização de vida assegurada. Quando o banal do dia a dia, como se alimentar, vestir-se, locomover-se, produzir, faz parte da vida de forma segura. (...) É a ordem diária da segurança material. Tendo cotidiano se dorme em paz.” (Damiani, 1992: 20)
- 3- O desemprego e as políticas de emprego e renda. Pesquisa DIEESE, São Paulo, 1996.
- 4 - idem nota 2
- 5 - Todos os nomes dos usuários da Casa são fictícios para preservar a identidade dos migrantes. As citações das falas dos migrantes foram transcritas na íntegra e alguns migrantes apresentaram falas desconexas, aparentemente sem sentido.

BIBLIOGRAFIA

- BOSCO, Santa Helena; NETTO, Antônio Jordão (1967) *Migrações - estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos*. Setor de Estudos e Pesquisas Sociológicas - Departamento de Imigração e Colonização - Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.
- DAMIANI, Amélia Luisa (1992) *A Cidade (des)ordenada, Concepção e Cotidiano do Conjunto Habitacional Itaquera I*. Tese (doutorado), FFLCH - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GRAHAM, Douglas Hume; FILHO, Sergio B. de Hollanda (1984) *Migrações Internas no Brasil: 1872 - 1970*. São Paulo, Série Relatórios de Pesquisa (número 16), (IPE) Instituto de Pesquisas Econômicas, (CNPq) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- MARTINE, George (1980) *A Migração Repetida e a Busca de Sobrevida - Alguns Padrões Brasileiros*. Relatório Técnico nº 52, São Paulo, mimeo.
- MARTINS, José de Souza (1989) *Caminhada no Chão da Noite*. São Paulo, Hucitec.
- MARTINS, José de Souza (1993) *A Chegada do Estranho*. São Paulo, Hucitec.
- RANGEL, Maria Cristina (1996) *Restos Humanos em Mobilidade - Casa de Passagem de Presidente Prudente e a Mobilidade do (não) trabalho - 1988 - 1996*. Dissertação (Mestrado), FFLCH - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, Milton (1994) *Técnicas Espaço Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo, Hucitec.
- SANTOS, Milton (1993) *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, Nobel.
- VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (org.) (1994) *População de Rua - quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec.